

Candidato agora é 'gaúcho'

O primeiro comício da campanha de Fernando Collor de Mello (PRN) no segundo turno será no Rio Grande do Sul, onde o candidato pretende herdar os votos "gauchescos" que foram dados a Leonel Brizola (PDT), explorando o fato de ser neto de um gaúcho trabalhista, o ministro do Trabalho do governo de Getúlio Vargas, Lindolfo Collor. "O Collor é praticamente gaúcho: neto de gaúcho, sangue de gaúcho, mas foi criado no Rio e em Brasília", argumentou o deputado estadual alagoano Cleto Falcão, um dos coordenadores políticos da campanha. A ofensiva de Collor sobre os votos dos gaúchos já tem até *slogan*: "O gaúcho agora é Collor".

A data do comício ainda não foi definida, mas é provável que no próximo domingo Collor vá a Porto Alegre para visitar o túmulo de seu avô. A avaliação dos estrategistas da campanha de Collor é de que os votos dados a Leonel Brizola no Rio Grande do Sul não foram ideológicos, mas estimulados pelo sentimento regionalista. "O Rio Grande possui hoje o maior contingente de votos órfãos do país", avaliou o coordenador da campanha de Collor no estado, senador Carlos Chiarelli (PFL-RS). "Para nós do Rio Grande não era eleição, era resistência. Agora vamos disputar uma eleição", acrescentou.

Abstenção Fernando Collor de Mello passou o dia de ontem reunido na sede do Movimento Popular de Reconstrução Nacional (MPRN), avaliando com os coordenadores regionais a estratégia para o segundo turno da campanha presidencial. Além da preocupação de investir sobre os votos brizolistas no Rio Grande do Sul, ficou decidido que o Rio de Janeiro é o alvo número dois do segundo turno. Collor fará um comício entre os dias 1º e 7 de dezembro, provavelmente na Cinelândia, local que abriga um dos principais redutos pedetistas do estado, a *Brizolândia*. A outra alternativa seria o Largo da Carioca.

Para o Nordeste, Collor definiu como prioridade o combate à abstenção. O candidato do PRN está convencido de que grande parte dos eleitores rurais nordestinos não foi às urnas no dia 15 por falta de transporte. Para o

segundo turno, Collor recomendou aos seus coordenadores regionais a retomada da prática de dar transporte e alimento para os eleitores. "Vamos intensificar o transporte de eleitores da zona rural", confirmou o governador da Paraíba, Tarcísio Burity, que acusou o PT de fazer uma campanha milionária no seu estado. "Em Uiraúna, cidade natal da Luiza Erundina, o PT recebeu muito dinheiro", afirmou, insinuando que a Prefeitura de São Paulo ajudou a campanha de Lula na cidade de Erundina.

Outra preocupação será a de combater a importância que a ala da Igreja ligada à Teologia da Libertação teve na votação de Luís Inácio Lula da Silva (PT) no interior do Nordeste. A principal arma será o carisma do frei Damião, de Juazeiro do Norte, considerado um santo e o sucessor do padre Cícero Romão Batista. No próximo sábado, frei Damião celebrará na Igreja de Nossa Senhora Virgem dos Pobres, na periferia de Maceió, uma missa em ação de graças pela vitória de Collor no primeiro turno, com a presença do candidato.

Collor pediu reforço da militância do PRN, pois seus estrategistas avaliam que a militância é a principal arma de Lula. "Onde o Lula tiver militantes, nós também temos que ter", exigiu o candidato durante o encontro.

A principal estratégia de âmbito nacional será a de tentar dobrar a votação que teve no primeiro turno — cerca de 30% dos votos válidos —, utilizando peças de campanha com a frase "Para cada voto, outro voto". "Se tivermos 30%, precisamos ter 60% para ganhar", repetiu várias vezes durante as cinco reuniões que fez com representantes das regiões Sul, Sudeste, Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

"Os militares aceitariam a vitória de Lula. Só não sei se o PT aceita a derrota", comentou o prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin (PDS), preocupado com a possibilidade de violência durante a campanha. Amin chegou a comparar os petistas aos militantes do Partido Nazista alemão.